



**Literatura e resistência na poesia de Natália Correia: a *Epístola aos Iamitas* (1976)  
e a Revolução dos Cravos**

Literature and resistance on Natália Correia's poetry: the *Epístola aos Iamitas* (1976)  
and the Carnation Revolution

Fernanda Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Pretende-se aqui analisar uma obra de uma autora portuguesa do século XX, Natália Correia, intitulada *Epístola aos Iamitas*, de 1976, onde se conjuga a euforia de uma revolução que instaurava a democracia, o 25 de Abril de 1974 (ou Revolução dos Cravos), com um profundo pessimismo em relação às estruturas políticas. Os ideais libertários de Natália são reprimidos por uma estrutura patriarcal que Salazar consolidara em Portugal. A obra *Epístola aos Iamitas* tem o intuito de resistência à repressão, ao totalitarismo e à falsidade de estruturas que se dizem renovadoras, mas primam pelas mesmas ideias retrógradas, avidamente criticadas pela autora.

**Palavras-chave:** Natália Correia/ *Epístola aos Iamitas*. Revolução dos Cravos. Portugal. Resistência.

**Abstract:** The aim here is to analyze a work by a portuguese authoress of the 20th century, Natália Correia, entitled *Epístola aos Iamitas*, from 1976th, which combines the euphoria of a revolution that established democracy, the 25th of April 1974 (named Carnation Revolution), with a deep pessimism towards political structures. Natália's libertarian ideals are repressed by a patriarchal structure that Salazar had consolidated in Portugal. The work *Epístola aos Iamitas* aims at resisting repression, totalitarianism and the falsity of structures that claim to be renovating, but which stand out for the same retrograde ideas, avidly criticized by the authoress.

**Keywords:** Natália Correia/*Epístola aos Iamitas*. Carnation Revolution. Portugal. Resistance.

Verdadeira Lítania para os Tempos da Revolução

Mário nós não somos todos burgueses  
Os gatos e os ratos se quiseres,  
Os literatos esses são franceses  
E todos soletramos malmequeres.

Da vida o verbo intransitivo não é burguês é ruim;  
E eu que nas nuvens vivo  
Nuvens! O que direi de mim?

Burguês é esse menino extraordinário  
Que nasce todos os anos em Belém  
E a poesia se não diz isto Mário  
É burguesia também.

Burguês é o carro funerário.  
Os mortos são naturalmente comunistas.

---

<sup>1</sup> Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amapá. Professora Adjunta no colegiado de Letras da Universidade Federal do Amapá/Campus Santana. Doutora em Letras, pela Universidade Federal do Espírito Santo. Doutora em História, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Email: fercris77@gmail.com.

Nós não somos burgueses Mário  
O que nós somos todos é sebastianistas.

(Natália Correia, *Antologia Poética*, p. 83-84)

## 1. Poesia e Revolução em Portugal

O golpe de Estado de 25 de abril de 1974 derrubou uma das ditaduras mais duradouras da história do Ocidente. Iniciada em 28 de março de 1926 como regime militar, sua longa durabilidade acompanhada do atraso econômico e cultural português fez com que a queda do Estado Novo, provocasse surpresa nas chancelarias e na administração americanas (ROSAS, 2004, p. 129-30). Conforme Francisco Martinho (2017, p. 467), os primeiros estudos sobre a questão tenderam a compreender a transição portuguesa para a democracia como um fenômeno ligado às demais transições do sul da Europa, da Espanha e da Grécia.

No período compreendido entre a década de 30 do século XX e as vésperas do 25 de abril de 1974 (Revolução dos Cravos), define-se, em Portugal, uma tradição de poesia de resistência, de oposição ao Estado Novo. Muitos poetas surgem com preocupações sociais e políticas inscritas na sua poética. A lírica afirma-se como poesia combativa, de denúncia do regime e do aparelho repressivo, empenhando-se em declarar a importância da liberdade e da democracia. Inúmeros poetas escrevem com alusões a Salazar e ao Antigo Regime, caso de Sophia de Mello Breyner Andresen, José Dias Coelho, Fíama Hasse Pais Brandão. Vários outros autores sofrem as agruras do cárcere, por conta das perseguições da polícia política do Regime salazarista (P.I.D.E), caso de Jaime Cortesão, Miguel Torga, Adolfo Casais Monteiro, Borges Coelho, Veiga Leitão (MARTINHO, 1999, p. 54-55).

Natália de Oliveira Correia é uma dessas figuras emblemáticas de combate ao Regime. Nasce a 13 de setembro de 1923, em Fajã de Baixo, ilha de São Miguel (Açores) e morre a 16 de março de 1993. A sua obra literária constitui-se de textos em prosa, drama e, principalmente, poesia. O século XX português é, indelévelmente, marcado pela escritora, quer pela sua personalidade forte e polêmica, quer pelo alcance da sua escrita. Os primeiros livros de poesia, *Rio de Nuvens* (1947) e *Poemas* (1955) exprimiam uma atitude lírica tradicional. A transfiguração metafórica aparecerá em *Dimensão Encontrada* (1957). A proximidade com os surrealistas permeia grande parte da sua obra, ainda que a própria autora nunca se tenha considerado como tal (AMARAL, 2002, p. 19).

Ao publicar *Antologia de poesia portuguesa erótica e satírica*, em 1966, foi condenada a três anos de prisão, uma vez que a Censura considerou a obra imoral. A pena foi, entretanto, suspensa, mas o episódio daria origem a um dos poemas mais emblemáticos de Natália, intitulado “A defesa do poeta”. Natália continuou atuando, politicamente, contra Salazar, discordando do primado da família tradicional – e, conseqüentemente, da submissão da mulher – pilares fundamentais do Regime (NASCIMENTO, 2016, p. 18).

O traço da sua obra que nos interessa aqui abordar é a rebeldia diante das instituições e dos poderes estabelecidos, especificamente em *Epístola aos lamitas*, de

1976. Esta é uma obra que se constitui de reflexões críticas, por vezes corrosivas, sobre o Portugal pós-25 de abril e do P.R.E.C. (Processo Revolucionário em Curso). Outros poemas isolados revelam a mesma preocupação. Outras obras da autora, como as *Cantigas de Risadilha*, ridicularizam episódios da vida parlamentar que Natália Correia acompanhou, como deputada (AMARAL, 2002, p. 20-21), a partir de 1980, na lista do Partido Popular Democrático (PPD). Durante a sua legislatura, passou a deputada independente. Nesse tempo, defendeu acirradamente a valorização da cultura e do património, com um forte sentido humanitário e feminista (fundou a Frente Nacional para a Defesa da Cultura), sem deixar de acolher verdadeiras tertúlias culturais e artísticas na sua casa e, depois, no famoso bar Botequim (BRANDÃO, 2019).

## 2. *Epístola aos Iamitas*: contexto pós-revolucionário

A obra *Epístola aos Iamitas*<sup>2</sup> é uma reflexão poética posterior à Revolução do 25 de Abril de 1974. Como muitos dos títulos das obras de Natália, *Epístola aos Iamitas* nos remete à cultura clássica. A *Olímpica 6*, de Píndaro, é um testemunho histórico-literário composto para celebrar a vitória de Hagésias de Siracusa – chefe militar do tirano Hierão de Siracusa, numa quadriga de mulas, por volta de 472 ou 468 a. C. A antístrofe 4 diz o seguinte:

Desde aquele momento é renomada entre  
os Helenos a linhagem dos Iâmidas!  
A prosperidade os acompanhou ao mesmo tempo. E, honrando as virtudes,  
percorrem um caminho visível; dá provas disso  
cada ação (deles). Mas a censura, da parte  
de outros invejosos, está suspensa  
sobre aqueles que foram outrora os primeiros a conduzir o carro  
na corrida de doze voltas,  
e sobre os quais a Graça veneranda derrama  
gloriosa forma corporal.  
Se, na verdade, habitando sob a montanha  
de Cilene, ó Hagésias, teus antepassados maternos<sup>3</sup>.

Desse modo, como uma sacerdotisa pertencente aos Iamidas, Natália percorre um caminho cheio de escolhos, pressagiando, em vários momentos, os acontecimentos pós-revolução, em Portugal<sup>4</sup>. Em “Ó Liberdade, Brancura do Relâmpago”, dividido em dois sonetos, invoca as sacerdotisas antigas que cultuavam Baco, através do grito inicial “Evoé!”. Segue com “salve rainha descruzando os braços/com seu pé de papiro pisa a fera.” (I, vv. 3-4), claramente mostrando o fim dos tempos de repressão por meio da aliteração da consoante surda “p”, que imprime força à sacerdotisa. O grito “Evoé!” torna-se mais intenso, quando observa as ruas, a primavera e o “Sol perfeitamente Abril/maravilha da Pátria ressurrecta.” (I, vv. 10-11). A parte II do mesmo poema mostra

<sup>2</sup> Iamita vem da palavra latina *Iamidae*, *Iamidarum*, designando os Iâmidas, descendentes de Iamo, constituindo uma família de adivinhos (FERREIRA, s.d., p. 557).

<sup>3</sup> Em uso, a tradução do latim de Glória Braga Onelley e Shirley Fátima Gomes de Almeida Peçanha (2012), a partir da edição crítica de B. Snell e H. Maehler (1987).

<sup>4</sup> Obra citada a partir da edição da *Antologia Poética* (2002), de Natália Correia.

como algumas expectativas se esboroam perante a realidade dos fatos: “Vieste para passar já que és vertigem?/ És vidro? És diamante? És puta ou virgem?/ Fica serenamente. Como a paz.” (II, vv. 12-14). As questões políticas se adensam no conjunto de poemas intitulados “Já as primeiras cousas são chegadas”, quando afirma “Tanta foice isto é coice desconfio.../ Tanto de Marx martelar já cansa.” (I, vv. 1).

A premissa de que a utopia socialista não avançou no pós 25 de Abril é colocada com veemência pela autora: “Tanta denúncia. É a pedagogia/ da Revolução que o excremento avia/ e não chegámos ao último terceto.” (I, vv. 9-11). O vocábulo “revolução” surgiu durante o Renascimento, como referência ao movimento dos corpos celestes, ganhando um significado político apenas no século XVII, com a Revolução Inglesa. Nesse período, revolução significava retorno à ordem política anterior que tinha sido alterada por turbulências. Em vez de ser entendida como uma guerra civil e a ascensão de Cromwell, foi compreendida como volta ao regime monárquico (SILVA; SILVA, 2018, p. 362). A discussão semântica trazida pela autora Maria Manuela Cruzeiro complementa esta ideia. O termo é entendido como “ruptura” ou “marco zero” apenas no final do século XVIII, inaugurado pela Revolução Francesa. Até então, revolução era entendida como um percurso circular, de permanente retorno. Os movimentos políticos e/ou sociais marcados pela ação violenta eram apelidados de revolta, rebelião, agitação ou guerra civil. Entre os séculos XIX e XXI movimentos de matrizes e origens diversas foram entendidos como revolução (CRUZEIRO, 2011, p. 97-99). Assim, a “Revolução que o excremento avia” pode ser entendida como a dificuldade em avançar e construir bases ideológicas novas num país recém-democrático. Natália conclui: “Ó Liberdade! Não sei como isto acaba.” (I, v. 13). A liberdade é, ainda, “mais dócil ao fogo que a madeira/ e só és mariposa verdadeira/ porque os ébrios de Abril te comemoram.” (II, vv. 12-14). Nitidamente, a dificuldade em encontrar um “tempo novo” que não permaneça, apenas, como utopia, é o aspecto mais complexo deste período histórico, intensamente refletido por Natália Correia. O termo “transição”, usado para definir a passagem a um regime democrático, é entendido pelo autor Rui Martins (2011, p. 19) como um momento histórico marcado pela simultaneidade de histórias, ritmos e valores diversos. Martins afirma ainda que esta simultaneidade não fica extinta a partir do momento em que a transição é concluída. Daí as dificuldades e os problemas teóricos para o estabelecimento de um “tempo novo” (MARTINS, 2011, p. 21-22). Embora nem sempre estas questões passem para a poética dos autores, no caso de Natália fica evidente que esse “tempo novo” vem carregado de falsários e aproveitadores, como no conjunto de poemas intitulado “O Sacrifício”: “São os demais, os tais, são os acrílicos/ profetas, proxenetas e políticos/ é do povo coitado a lerda larva” (I, vv. 9-11); “O gáudio é de gadanho e de guedelha;/ come-se merda só porque é vermelha./ O crime é curial se for esquerdo.” (VII, vv. 9-10) e, deste modo, “intacto o pasto vil das varejeiras.” (X, v. 11).

Este tom contraste com o da poeta Sophia de Mello Breyner Andresen, autora de poemas sobre o 25 de abril eivados de esperança e luminosidade, como no poema “25 de Abril”: “Esta é a madrugada que eu esperava/ O dia inicial inteiro e limpo/ Onde emergimos da noite e do silêncio/ E livres habitamos a substância do tempo” (ANDRESEN, 1999, p. 189). A poeta refere um recomeço, onde nos é dada a possibilidade de habitar plenamente o presente.

A lírica de resistência vive da dialética da denúncia de um presente iníquo, ao mesmo tempo que aspira a um futuro libertador (MARTINHO, 1999, p. 57). Se analisarmos os poemas de *Epístola aos Iamitas*, percebemos que a sensação de iniquidade não foi superada pela Revolução, anunciando-se tempos igualmente aterradores; todavia, o pensamento escatológico não fecha a possibilidade de um Portugal iluminado pela democracia.

### 3. A utopia de um “Portugal ressurecto”

Natália projeta o fracasso da revolução portuguesa na Europa, e, no conjunto “Urna Áurea”, constituído por três sonetos, surgem claras marcas de um nacionalismo místico-pessoano (TEIXEIRA, 2017, p. 3-4). Aqui, trabalha com dois autores da sua predileção, Luís de Camões e Fernando Pessoa, mostrando que a decadência anunciada por ambos é real:

Ó Pátria amada minha misteriosa  
Que da Europa és a esfinge! És o rebate  
De uma última pedra preciosa  
Ou és cedo demais num tempo acre?

Sempre em tua estação de desditosa  
Deste mirtos em campos de vinagre.  
Dá-nos consolação ó nebulosa!  
Sepultada num ovo do milagre. (I, vv. 1-8)

As referências de Natália à escatologia do livro *Apocalipse de S. João* são inúmeras. O livro mostra de forma exuberante a vitória de Deus sobre a besta, sobre o dragão, numa enorme liturgia (Ap, 19, 1-10). Em “Urna Áurea”, Natália diz o seguinte: “No salmo seminal do teu crescente/ eucarístico o Anjo do Ocidente/ num abrir de safiras mata a besta.” (II, vv. 12-14). Assumidamente cultora de uma filosofia pagã, Natália socorre-se de inúmeros símbolos religiosos cristãos, na sua poesia. O título da obra já remete, diretamente, à Bíblia, por meio do vocábulo “Epístola”, já que a palavra, muitas vezes, adquire a significação de um tipo particular de cartas, aquelas que foram escritas pelos apóstolos às primeiras comunidades de cristãos. O livro apocalíptico de João, com o qual dialoga, segue a linha teológica do governo de Anticristo por 7 anos; os Anjos derramam as taças sobre a Terra, o que significa a ira de Deus em 7 etapas (entre elas Fome, Pestes, Terremotos, Maremotos, etc.); anuncia-se a volta de Jesus Cristo e da Igreja à terra, e, nas últimas etapas, o Juízo Final (ARAÚJO; SILVA, 2008, p. 36). Na parte III aparece o “sétimo anjo trombeteiro” (v. 3) também referenciado no *Apocalipse de S. João*:

As nações tinham-se enfurecido, mas chegou a tua ira, e o tempo de julgar os mortos e de dar a recompensa aos teus servos, os profetas, os santos, e os que temem o teu nome, pequenos e grandes; chegou o tempo de destruir os que destroem a terra”./ Abriu-se o Santuário de Deus que está no céu e apareceu no Santuário a arca da sua Aliança. Houve relâmpagos, vozes, trovões, terremotos e uma grande tempestade de granizo (Ap, 18-19).

O número 7 tem uma simbologia forte, no livro do *Apocalipse*. Os autores Gilvan Leite de Araújo e Maria Freire da Silva (2008, p. 36) referem que o Espírito Santo é apresentado como “Sete Espírito”, que é uma forma simbólica que difere da tradicional hierarquia trinitária que segue em primeiro lugar, o Pai, em segundo lugar, o Filho e, em terceiro lugar, o Espírito Santo. O 7 é, ainda, o número que referencia os espíritos, “os Sete Espíritos” indicam a plenitude e a perfeição do Espírito Santo. De modo análogo, em Ap 4,5 os Sete Espíritos aparecem diante do Trono de Deus. O número 7 representa a plenitude da ação do Espírito e a sua direta relação com a Igreja - sete igrejas são a totalidade da Igreja.

O espaço criado pelos poetas portugueses, durante a longa ditadura salazarista, era o de partilha de códigos que permitissem a tradução de alusões a figuras ou acontecimentos da época (MARTINHO, 1999, p. 54). Sendo Portugal um país católico, as referências de Natália à “besta” se associam facilmente à figura de Salazar, em alguns poemas, e aos abusos dos comunistas, noutros. Observe-se quando ela diz: “Portugal que é velo porque vela/ e da besta vermelha à amarela/ ausentaram-se os campos desolados/ e o monstrengo rodou que Europa teme/ porque era Portugal senhor do leme/ por cantos nunca dantes escutados.” (III, vv. 9-14).

As referências à religião cristã tornam-se ainda mais curiosas se pensarmos que, em seu percurso, Natália mostrou sempre um feroz anticlericalismo. É necessário ler este aspecto não tanto como um contraponto, mas com uma leitura antipatriarcal, já que o patriarcalismo cerceou, durante séculos, a cosmologia pagã e a expressão fescenina (CARLOS, 2004, p. 73).

Simultâneas às referências sobre a escatologia joanina, Natália dialoga com Fernando Pessoa, na sua obra *Mensagem*, por meio do poema “O Monstrengo”: “O monstrengo que está no fim do mar/ na noite de breu ergueu-se a voar;/ À roda da nau voou três vezes/ Voou três vezes a chiar” (IV, vv. 1-4), ao mesmo tempo que evoca Luís de Camões, parafraseando o início de *Os Lusíadas*: “As Armas e os barões assinalados/ Que, da Ocidental praia Lusitana,/ Por mares nunca de antes navegados” (Canto I, 1, vv. 1-3). No conjunto de poemas “O Sacrifício”, a autora refere o Quinto Império gorado, em interlocução com Pessoa: “Com que então meu Pessoa esta oficina/ de impérios ia dar ainda o Quinto?/ Isto deu afinal foi em latrina/ p’ra vomitar do império o vinho tinto.” (XI, vv. 1-4), e na estrofe seguinte: “Pediste o Encoberto à medicina?/ Isto não pode dar. Isto é pedinte.” (XI, vv. 7-8) A ideia de que a condição humana se traduz na agressividade e na beligerância, aspectos que impregnam a meditação moral de Natália acerca do despotismo ancora no pensamento de autores como Hobbes, em *Leviatã* (publicado em 1651) ou Freud, em *O mal estar na civilização* (1930). A ideia é desenvolvida por estes autores mas tem raízes na filosofia socrática, nas obras de Platão e em Plauto (CARLOS, 2004, p. 75). Para Sócrates, o homem tirânico não é mais do que o homem democrático submetido à tirania do Eros, do desejo, das paixões e da loucura (Rep., IX, 572a-e):

- Deixamo-nos levar, contudo, longe demais, ao tratar deste assunto. O que queremos saber é o seguinte: que existe em cada um de nós uma espécie de desejos terrível, selvagem e sem leis, mesmo nos poucos de entre nós que parecem ser comedidos. (...)

- Recorda, então, como dissemos que era o homem democrático. Tinha sido produzido pela educação, desde novo, por um pai econômico, que só se importava com os desejos de fazer fortuna, e que desprezava os não-necessários, originados pelo gosto do divertimento e da ostentação.

Conforme colocado por Luís Adriano Carlos “O Pai econômico e racional, vale dizer salazarista, reprime o aspecto nocturno do elemento instintivo, a natureza e a dissipação.” (CARLOS, 2004, p. 75). Em “O Sacrifício”, Natália afirma: “De lida e bronze foram os meus anos/ desconforto de abutres e tetrarcas:/ para confundir carnívoros tiranos/ fecundamente tive as ancas largas.” O poder criador do êxtase, do instinto e do feminino, declarado no último verso, é cerceado pelos ditadores e pelos poderes patriarcais, que Natália fervorosamente combate. A autora reivindica uma utopia libertária, tal como coloca no prefácio da *Antologia de poesia erótica e satírica*, criticando a moral obsoleta do regime de Salazar: “O triunfo do patriarquismo cristão, dentro do qual se expande a neurose doutrinária dos homens obcecados pela danação da alma assegurada a quantos desfrutavam os prazeres da carne, trouxe, como consequência, a degradação da mulher, que incarnava a luxúria.” (CORREIA, 2008, p. 15).

### Considerações finais

A prolixidade da obra de Natália Correia, que percorre a poesia, a prosa, o ensaio, o drama, fazem dela um caso paradigmático da versatilidade de uma autora. Num cânone literário predominantemente dominado pelos homens, Natália traz a sua voz à tona num mundo masculino (tanto o literário quanto o político), num período de enormes transformações, em Portugal e na Europa. Para além da derrocada do governo salazarista, a guerra colonial em África, nas possessões ultramarinas de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique (1961-1974), finalmente cessava, deixando para trás um rastro de destruição e morte.

Natália declara-se, desde sempre, como uma voz que abertamente critica os desmandos do regime salazarista e a iniquidade dos governantes. No poema “Autogénese”, declara o seguinte: “Nascitura estava/ sem faca nos dentes/ cómoda e impura/ de não ter vontade/ de bater nas gentes” ([1966], p. 41). Em *Epístola aos Iamitas* essa voz é clara sobre as mudanças que ocorrem em Portugal, nos anos 70. A preocupação com a utopia libertária da Revolução dos Cravos adensa-se numa crítica corrosiva às estruturas políticas que tendem a não cumprir com a promessa democrática. Deste modo, Natália critica o funcionamento do esqueleto político e social com um tom cada vez mais aceso, ao longo dos anos 70 e 80. O lema da *Epístola aos Iamitas* seria que não basta prometer um mundo novo depois da Revolução, urge que a promessa seja cumprida, do mesmo modo que Fernando Pessoa clama, em sua obra *Mensagem*, “Senhor, falta cumprir-se Portugal!” (PESSOA, 2006, p. 67).

### Bibliografia

AMARAL, Fernando Pinto do. Prefácio. **Natália Correia**: Antologia Poética. Org. Fernando Pinto do Amaral. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. O nome das Coisas. In: **Obra Poética III**, Lisboa, Caminho, 3.<sup>a</sup> ed., 1999.
- APOCALIPSE S. JOÃO.  
Disponível em: <https://www.bible.com/pt/bible/212/REV.1.arc95>. Consultado a 25/02/2020, às 20h00.
- ARAÚJO, Gilvan Leite de; SILVA, Maria Freire da. A Trindade no Apocalipse de São João, **Revista de Cultura Teológica**, v. 16, n. 65, out/dez., p. 31-46, 2008.
- BRANDÃO, Lucas. A presença lírica de Natália Correia na sociedade portuguesa, 2019.  
Disponível em: <https://www.comunidadeculturaearte.com/a-presenca-lirica-de-natalia-correia-na-sociedade-portuguesa/>. Consultado a 27/02/2020, às 14h00.
- CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. 3.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- CARLOS, Luís Adriano. A Mátia e o Mal em Natália Correia. **Via Atlântica**, n. 7, p. 71-81, 2004.
- CORREIA, Natália. O Diário de Cynthia. In: **O vinho e a lira**. Lisboa: edições Afrodite, [1966].
- CORREIA, Natália. Epístola aos Iamitas. In: **Antologia Poética**. Org. Fernando Pinto do Amaral. Lisboa: Dom Quixote, 2002.
- CORREIA, Natália. **Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica (Dos Cancioneiros Medievais à Actualidade)**. Sel, pref. e notas de Natália Correia. 5.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Antígona/Frenesi, 2008.
- CRUZEIRO, M. M. “Revolução” e revisionismo historiográfico. O 25 de Abril visto da História. In: MARTINS, Rui Cunha (coord.). **Portugal, 1974: transição política em perspectiva histórica**. Coimbra: Editora Universidade de Coimbra, 2011, p. 97-134.
- FERREIRA, Antônio Gomes. **Dicionário de Latim-Português**. Porto: Porto Editora, s.d.
- MARTINHO, Fernando J. B. O 25 de Abril na poesia portuguesa. **Camões – Revista de Letras e culturas lusófonas**, n. 5, Abr/Jun, p. 54-63, 1999.
- MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. A Revolução dos Cravos e a historiografia portuguesa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 30, no 61, p. 465-478, maio-agosto 2017.
- MARTINS, R. C. Problemática da mudança política. In: MARTINS, Rui Cunha (coord.). **Portugal, 1974: transição política em perspectiva histórica**. Coimbra: editora Universidade de Coimbra, 2011, p. 19-29.
- O’NELLEY, Glória Braga; PEÇANHA, Shirley Fátima Gomes de Almeida. Imagens metafóricas em Olímpica 6, **Calíope 24**, Rio de Janeiro, 2012, p. 67-85.
- PESSOA, Fernando. Mensagem. In: **Obra poética I**. Org., introd. E notas de Jane Tutikian. Porto Alegre: L& M Pocket, 2017.
- PLATÃO. **A República**. Trad. Pietro Nasseti. 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martin Claret, 2010.
- ROSAS, Fernando. **Pensamento e acção política: Portugal, século XX (1890-1976)**. Lisboa: Editorial Notícias, 2004.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 3.<sup>a</sup> ed. São Paulo: editora Contexto, 2018.
- SNELL, B. & MAEHLER, H. **Pindari Carmina cum Fragmentis. Pars I: Epinicia**. 8.<sup>a</sup> Ed. Leipzig: Teubner, 1987.
- TEIXEIRA, Gil Clemente. Natália Correia. In: **A Europa face a Europa: poetas escrevem a Europa**, 2017, p. 1-13.